

## O PEQUENO PRÍNCIPE NÃO É UMA HISTÓRIA PARA CRIANÇAS

Laura Leonardelli Costa Paulino<sup>1</sup>  
*laurinhaleonardelli@hotmail.com*

A história de um príncipezinho com necessidades tão singelas quanto a de ter um carneiro não deveria, nem de longe, ser considerada somente uma história infantil. Explico o porquê: toda história que tenha como objetivo evocar a imaginação, a criatividade, a essência, não precisa ser feita para as crianças, visto que essas por sua natureza possuem todas as qualidades citadas, inclusive a de, quem sabe, querer um carneiro.

Quem leu sabe, o pequeno príncipe é uma personificação do que fomos todos um dia, trato-o como um professor da vida, que trata das coisas mais singelas e importantes pelas quais passamos, as amizades, os amores, a importância com aquilo que amamos, e se torna mestre quando cativa seu primeiro aluno, o aviador perdido no deserto e faz dele, além de ouvinte, personagem de sua história. O pequeno príncipe é aquele professor que explica a matéria que já aprendemos em alguma etapa da vida, mas, como todo conteúdo programático, em detrimento do surgimento de outros conteúdos mais necessários, esquecemos do ensinamento.

A viagem do pequeno príncipe nos leva a uma viagem pela nossa própria história. Nós, adultos, somos hoje um pouco de cada morador dos planetas visitados. Somos os reis que querem governar sobre tudo e todos, somos os contadores que planejam cada centavo para sobrevivência, somos os geógrafos que não ligam para as coisas belas e efêmeras da vida, somos os vaidosos que só olham para si, os beberrões que se intimidam diante da vida e os acendedores de lampiões que se detém ao ofício no lugar do descanso. Nós somos os “cento e onze reis (não esquecendo, é claro, os reis negros), sete mil geógrafos, novecentos mil negociantes, sete milhões e meio de beberrões e trezentos e onze milhões de vaidosos” (p. 56). Mas, no final, o que todos queremos é apenas poder acreditar no pequeno príncipe sem ter de se utilizar dos números.

Uma questão que bem observei é a da suposta morte do príncipe. Como se, quando consertado o avião, o aviador tivesse se desligado da essência infantil que o pequeno príncipe representa, tendo de voltar ao mundo real e as obrigações postas aos adultos. O príncipezinho prefere ainda se utilizar da efemeridade da vida como algo belo e lembra ao

---

<sup>1</sup> Acadêmica de Letras da Universidade do Extremo Sul Catarinense – E-mail: laurinhaleonardelli@hotmail.com

aviador em diálogo sobre as estrelas: “Quando olhares o céu à noite, eu estarei habitando uma delas, e de lá estarei rindo; então será, para ti, como se todas as estrelas rissem! [...]” (p. 85). O pequeno príncipe aparece àqueles que necessitam lembrar de como é ser criança. Por outro lado, há aí também um dos motivos pelos quais *O Pequeno Príncipe* é considerada uma obra para crianças e poderia ser abordada em aulas: a suavização da morte é um dos assuntos do livro, a efemeridade da existência do príncipezinho na Terra é encerrada pelo “desligamento” da personagem do livro, o que acontece de um modo suave, que mostra às crianças que a morte é algo natural, que deixa marcas naqueles que ficam e amam, mas transmite também a mensagem do príncipe, de que a lembrança deve ser sempre feliz.

De todo modo, a essência da obra não é transmitir valores às crianças – por mais que o faça –, mas sim retomar esses valores aos adultos, para que estes não apenas se detenham a números, mas que saibam, ao menos, diferenciar uma jiboia fechada de um chapéu. Era uma história talvez igual a cem mil outras histórias, mas eu fiz dela minha favorita, e agora ela é única no mundo.

#### **REFERÊNCIAS:**

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. 48 ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009. 96 p.